

# **“ENTÃO PODEMOS TENTAR A SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR?” – A GESTÃO DA EDUCAÇÃO PELA HUMANIZAÇÃO**

Adriana de Fátima Franco

## **RESUMO**

O presente artigo é estruturado a partir da análise do discurso de uma professora acerca da construção do processo de apropriação da leitura e da escrita de uma aluna da segunda série do Ensino Fundamental. O objetivo é realizar uma discussão acerca da produção do fracasso escolar. A perspectiva teórica adotada no trabalho é Sócio-histórica, esta concepção estabelece que a formação e desenvolvimento do psiquismo humano se dão com base em uma crescente apropriação dos modos de pensar, sentir e agir culturalmente elaborados. A construção do texto é dividida em três grandes questionamentos: A produção da queixa escolar e o processo de avaliação que legitima o discurso pedagógico, a constituição das funções psicológicas superiores e o processo de aprendizagem da leitura e escrita e por último o papel das práticas escolares no processo de constituição humana. A fala da professora expressa a síntese do pensamento liberal presente na Educação que compreende o homem como naturalmente humano. Nesta concepção, existe um eixo de normalidade, e aqueles que não foram, neste plano, inseridos devem ser diagnosticados, classificados para receberem o devido tratamento. Temos neste caso a produção de patologias que servindo de explicação para a não aprendizagem de milhares de crianças. Entendemos que as funções psicológicas superiores são construídas por intermédio das mediações. Desta forma, a prática educativa constitui-se como ferramenta fundamental no processo de humanização.

Palavras-chave: fracasso escolar; sócio-histórica; queixa escolar.

“Então podemos tentar a dislexia?” Essa pergunta foi feita a uma estagiária de psicologia por uma professora que trabalhava com

“Então podemos tentar a superação... - *Adriana de Fátima Franco*

a segunda série do Ensino Fundamental, em uma escola pública e que estava recebendo a devolutiva sobre o encaminhamento de uma aluna de oito anos. A aluna havia sido encaminhada ao Centro Psicológico com a queixa de dificuldade no processo de aprendizagem. Faz-se necessário esclarecer o contexto desta fala. Qual a história escolar desta criança? Como se inicia seu processo de alfabetização? E como se tece a busca por uma categoria que justifique seu fracasso?

Questionamentos como estes provocam reflexões acerca da prática escolar. A fala da professora expressa a síntese do pensamento liberal presente na Educação: O homem é naturalmente humano. Existe um eixo de normalidade e aqueles que não foram, neste plano, inseridos devem ser diagnosticados, classificados para receberem o devido tratamento. Temos neste caso a produção de patologias que vão se imprimindo e tornando-se constitutivas da aluna.

Poli (2003) acredita que, para justificar as explicações sobre o fracasso escolar das crianças de classes trabalhadoras, a escola contou com o auxílio da psicologia positivista, cuja tarefa centra-se na descrição empírica do sujeito da aprendizagem. Para essa autora, tal descrição, *“segundo os princípios do pensamento positivista, adquire um caráter de universalidade, valendo para toda e qualquer realidade social e cultural”* (p.28).

Contraopondo-se a essas idéias, a perspectiva sócio-histórica entende o homem enquanto ser sócio-histórico, isto é, crê que o homem seja um ser concreto, social, histórico e cultural, que constrói sua humanidade na interação com outros homens, onde os processos psicológicos não são dados e, sim, construídos nesta rede. (Smolka, 2004) A esse respeito temos, ainda, que considerar um fato importante abordado por Vygotski (1987) que diz respeito à relação dialética entre indivíduo e sociedade. Somos síntese de um sistema ao mesmo tempo em que o produzimos. Então, quais os modelos presentes na vida dessa menina? E, como ela objetiva essas experiências?

Partimos da compreensão de que, na escola, os professores devem ter a função de transmitir conhecimentos que foram sistematizados ao longo da história, pelos homens. Segundo Saviani (1991, p. 21), *“o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens”*. Neste sentido, parece-nos relevante discutir o papel da educação na construção da subjetividade humana.

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

Meira (2003) ao discorrer sobre as idéias de Giroux (1996) afirma que as práticas pedagógicas possuem um papel fundamental a uma educação escolar emancipatória, reafirmando o professor como mediador entre alunos e o conhecimento e o conhecimento como mediação entre ao que aprendem. Professores e alunos devem ir além de um conhecimento fragmentado, neste processo onde a escola é compreendida enquanto espaço de transformação o comprometimento coma transformação humana e social faz-se presente. De acordo com Saviani,

o professor, na sala de aula, não se defronta com o aluno empírico, descrito nas suas variáveis que permitem conclusões precisas, estaticamente significativas. O professor lida com o indivíduo concreto, que é síntese de inúmeras relações sociais (Saviani, 2004, p. 47).

A criança em questão, que aqui chamarei de Ana, estava em seu segundo pedido de avaliação no prazo de um ano, é válido dizer ainda, que a caminhada em busca de uma categoria que justificasse o seu não aprendizado, teve início no núcleo de atendimento psicológico da prefeitura. Em sua história escolar, Ana freqüentou a Educação Infantil sem que nenhum questionamento fosse construído quanto a sua capacidade de aprender. Ao ingressar no Ensino Fundamental, sua história começa a ser delineada de outra forma: reclamações da professora são feitas quanto ao seu ritmo, a sua letra e a sua capacidade de aprender. Inicia-se uma romaria a médicos, psicólogos e outros profissionais da saúde.

A preocupação central da escola passa a ser identificar o que há de errado com a aluna. Todos estão “preocupados” e Ana passa a ser conhecida entre professores e funcionários. Quando a equipe de psicologia realiza a primeira visita esse fato fica evidente. É um corre-corre: “você vieram falar sobre a Ana”, já sabia a inspetora na porta de entrada e no caminho ela avisa: “elas vieram resolver o caso da Ana”, para uma professora que está passando. E, para completar, a professora da Ana é comunicada pelo autofalante da escola que as psicólogas chegaram. Todos os olhares se voltam para a equipe, esperando que elas possam enfim definir qual é o problema de Ana. Quando as questões trazidas pela equipe de psicologia apontam para um questionamento acerca da história escolar de Ana e não

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

para um rótulo ou para a construção de categorias, percebem-se os olhares frustrados e a indignação: “ Bem, se ela não tem deficit de atenção, então temos que tentar outra coisa”, diz a professora. Já é sabido que, infelizmente a educação acaba, em muitas ocasiões transformando os problemas da área em problemas de saúde.

Para analisar a situação apresentada, buscaremos vários aspectos que estão permeando a relação professor – aluno, aspectos estes comuns a tantos outros professores e alunos que vivenciam o cotidiano escolar.

### **COMPREENDENDO A QUESTÃO: A PRODUÇÃO DA QUEIXA ESCOLAR**

Para compreender o fracasso escolar, optamos por adotar a concepção materialista dialética de história, tendo em vista que a consideramos mais adequada para entendermos como a sociedade, ao produzir seus meios de existência, produz a organização da vida social necessária a sua manutenção.

Alguns pontos importantes têm sido levantados quando se trata de discutir o fracasso escolar. O conhecimento até o momento sistematizado sobre essa temática aponta a presença de inúmeros fatores a ele correlacionados. De um lado, aparecem aqueles externos à escola; de outro, os que se passam no âmbito escolar. Destacam-se, dentre esses últimos, questões ligadas ao currículo, ao trabalho desenvolvido por professores e especialistas e à organização do trabalho na escola. Como fatores externos à unidade escolar, surgem as más condições de vida da maior parte da população brasileira.

Neste contexto, consideramos juntamente com Meira (2003) que a “queixa escolar” é uma síntese de múltiplas relações e a superação das condições nas quais a “queixa” é apresentada depende da ação comprometida e consciente de todos aqueles com ela envolvidos.

No cotidiano escolar, produzimos, muitas vezes, práticas de exclusão que constroem crianças com as chamadas ‘necessidades especiais:

primeiro, produzimos algumas crianças que passam a se sentir menos, desvalorizadas (as crianças especiais, as crianças-problema) e outras crianças que sentem que os problemas daquelas que não aprendem são individuais

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

e não lhes dizem respeito (as crianças normais). Depois, inventamos práticas visando resgatar uma auto-estima que não pôde ser desenvolvida nas primeiras e produzir atitudes de solidariedade e respeito nas segundas, como se o sentimento de incapacidade e o de discriminação não estivessem sendo produzidos por nossas práticas” (Machado, 1996, p. 68).

Ao longo dos anos, portanto, construímos práticas e crenças que foram se transformando em justificativas – centradas nos indivíduos ou em grupos de indivíduos – para explicar o fracasso escolar.

A exclusão das crianças das classes populares da escola foi enfocada de diferentes ângulos: biológico, social, econômico e cultural. Prevalece, no entanto, um forte preconceito contra a pobreza. ( Moysés e Collares, 1994).

Segundo Salazar (1996), Machado (1996) e Campos (1997) nos apontam que as dificuldades de aprendizagem são, em sua ampla maioria, fruto de inadequações de ensino. O professor, muitas vezes constroi um ideal de aluno que acaba por afastá-lo da realidade concreta da sala de aula.

Patto (1997) demonstrou a que a prática de professores e técnicos escolares parece ser estruturada por uma concepção abstrata de “ser humano”, o qual é definido em termos de aptidões. Até hoje nos parece que os docentes continuam a incorrer nesse mesmo erro. Apoiados nessa concepção de sujeito, utilizam adjetivos preconceituosos e negativos ao se referirem aos seus alunos: “burros”, “imaturos”, “nervosos”, “baderneiros”, “agressivos”, “deficientes”, “sem raciocínio”, “lentos”, “apáticos”. Os pais, por sua vez, são vistos como “irresponsáveis”, “desinteressados”, “promíscuos”, “violentos”, “bêbados”, “nômades” etc.

Precisamos ter clareza que a exclusão escolar não pode ser vista como algo estático e acabado. Precisamos olhar para a questão educacional, buscando compreender a complexa trama das relações sociais em que ela se encontra inserida. ( Franco, 2001).

Como afirma Patto (1999, p. 74), “a crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade. (...) O resultado é um discurso incoerente que, em última instância, acaba reafirmando as deficiências da clientela como a principal causa do fracasso escolar”. Com tudo, o pressuposto nessa visão, é que a escola pública muitas vezes ensina segundo modelos adequados a

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

**um aluno ideal, que não encontra correspondência nas crianças das camadas populares, sendo estes então, os que “fracassam”.**

No caso de Ana, é necessária uma compreensão por parte da escola – professores e coordenadores de que a “queixa” é apenas a aparência, o nível imediato. Aqui, vale ressaltar que a construção do conhecimento, segundo Vigotski, faz-se de forma complexa e envolve o papel constitutivo das atividades interativas.

### **AMPLIANDO A QUESTÃO: A VISÃO DE HOMEM NA PERSPECTIVA SÓCIO – HISTÓRICA**

Ao conceber o homem, entendendo-o como um ser eminentemente social Vygotski (1987), estabelece que a formação e desenvolvimento do psiquismo humano se dão com base em uma crescente apropriação dos modos de pensar, sentir e agir culturalmente elaborados. Nesse sentido, a perspectiva sócio-histórica considera que o homem não possui uma natureza humana inata e imutável. Ao contrário, segundo essa visão, ele conta tão somente com uma “condição humana”, uma vez que constrói sua existência na e pelas interações mantidas a realidade física e social, buscando satisfazer suas necessidades. Como afirma Leontiev (1978), o homem, ao nascer, é candidato à humanidade e é introduzido no mundo da cultura por outros indivíduos, segundo ele o homem é um ser de natureza social, que tudo o que há de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade:

cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a Natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (p. 267).

Em outro momento, o mesmo autor acrescenta: *“o homem possui ao nascer uma aptidão que apenas o distingue fundamentalmente dos seus antepassados animais – a aptidão para formar aptidões especificamente humanas” (273)*. Tudo isso implica que a apropriação da cultura – que humaniza o bebê humano – só é possível a partir do contato social. Neste processo, a criança vai tornando seu aquilo

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

que é patrimônio de seu grupo cultural, atribuindo-lhe sentidos a partir daqueles já construídos em sua história de interações. Partimos da compreensão de que, a escola é um locus importante de hominização, ou seja, de construção da consciência, tanto em seus aspectos cognitivos (apropriação crítica de conteúdos e operações) como afetivos e éticos.

De acordo com Davis, Silva e Espósito (1989), a interação social só pode ser compreendida no campo das relações que se estabelecem entre indivíduos reais e concretos, num determinado tempo e lugar. Desta forma, atividades partilhadas, que se constituem na própria interação social, acabam por adquirir diferentes sentidos, a depender da forma como se desenvolve a história individual de cada parceiro, no seio da estrutura social.

Sendo assim, a construção da aprendizagem escolar está relacionada diretamente com possibilidade de interações significativas entre a criança e a escola, ou seja, depende fundamentalmente da forma como se estabelece o encontro neste espaço. E, neste sentido, a história de Ana é marcada por desencontros, por julgamentos de a priori ela é alguém com dificuldades e precisa de tratamento.

## **PODEMOS TENTAR A DISLEXIA?**

O cotidiano escolar, muitas vezes, está permeado por preconceitos que imobilizam a ação e transformação do contexto escolar. Segundo Moysés (2001) construímos um processo de medicalização do comportamento e da aprendizagem *“ as crianças em idade escolar estão sendo submetidas a exames com objetivo de avaliar aquilo que esses exames não são capazes de avaliar.”* ( 94)

Para as autoras, o raciocínio clínico tradicional parte do princípio de que *“ se A causa B, B só pode ser causado por A”* ( p. 33). Essa idéia levou a medicina a postular que, se uma lesão cerebral em sujeitos adultos pode gerar dificuldades para ler e escrever, então as dificuldades encontradas por crianças que estão se apropriando do processo de leitura e escrita, também poderiam ser geradas por questões neurológicas.

Neste caminho, a professora diz que Ana tem dificuldade para aprender porque a sua letra é feia e difícil de ler. Noutro dia disse que tem problemas porque é muito lenta, é desligada e não pergunta quando tem dúvidas... e que seria melhor se ela reprovasse a série

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

e por fim que deve ter dislexia. Ela é considerada como portadora de distúrbio. As ditas dificuldades de aprendizagem são sempre identificadas em quem aprende, negando toda multideterminação existente no processo de construção do conhecimento.

De início, faz-se necessário esclarecer que a literatura apresenta diferentes e contraditórias hipóteses explicativas para a questão da dislexia. Segundo Massi (2007) os ditos sintomas disléxicos têm sido descritos sob a perspectiva de que a linguagem é um mero código de comunicação.

É importante ressaltar que a linguagem, tal qual a compreendemos neste trabalho, é uma construção social. É pela mediação dos signos que a criança se incorpora progressivamente na comunidade humana, internalizando sua cultura e tornando-se um indivíduo social, ou seja, humanizado. Para Vigotski, a principal questão a ser trabalhada é a transmissão e assimilação da cultura. A aprendizagem, nesta perspectiva, assume papel de extrema importância, na medida em que constitui condição fundamental para o desenvolvimento das características humanas construídas historicamente.

Segundo o autor, o conhecimento pode ser alcançado na e pelas interações com parceiros mais experientes. Para tanto, considerava ser necessário distinguir dois níveis de desenvolvimento: a) o real, que corresponde ao nível de desenvolvimento das funções psicointelectuais da criança, que resultam de um processo de desenvolvimento já realizado; b) o proximal, que se refere àquilo que a criança é capaz de realizar com auxílio de outras pessoas. Neste olhar *“o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento”*(1984, p. 114).

Vigotski considera que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas são construídas pela mediação. E, o aprendizado da escrita não é algo fácil, necessita de alto grau de abstração. Vigotski (2000, p. 315) afirma que *“em certo sentido, o emprego da linguagem escrita pressupõe uma relação com a situação basicamente diversa daquela observada na linguagem falada, requer um tratamento mais independente, mais arbitrário, mais livre dessa situação”*.

O estudo da língua escrita possibilita à criança projetar-se a um nível superior no desenvolvimento da linguagem. Segundo Facci (2007, p. 149) esse aprendizado necessita de uma intervenção direta do professor, um árduo trabalho do aprendiz e um envolvimento da comunidade

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

escolar e da sociedade, de forma ampla, para que os objetivos de transmissão e apropriação do conhecimento tenham êxito.

Meira (1998) aponta que não se pode verdadeiramente ensinar, se não se considerar como o aluno aprende, ou ainda, porque, às vezes, ele não aprende. O desafio da tarefa docente está em que: *“nem todos os alunos aprendem do mesmo modo, no mesmo momento, no mesmo ritmo. Além disto, alguns alunos parecem simplesmente não aprender nada”* (1998, p.62). De nada adianta os professores adotarem os preconceitos que estão impregnados no cotidiano escolar: a criança não aprende porque é pobre, desnutrida, preguiçosa etc. Na verdade, ao patologizar o aluno, transformam a escola em *“vítima de uma clientela inadequada”*.

## **DILEMAS DE NOSSA PRÁTICA**

Gostaria de encerrar este trabalho trazendo algumas reflexões acerca das questões apresentadas. Não podemos ignorar o grande contingente de crianças que não se apropriam do conhecimento na escola. Historicamente discutimos sobre as questões do fracasso escolar, traçamos políticas para tentar sanar a questão e ela persiste.

Facci (2007, p. 150) traz a seguinte colocação a ser pensada: *“o aluno que não aprende está alijado do processo de humanização e compromete sua capacidade de abstração, de planejamento, de memória lógica, entre outras funções psicológicas superiores desenvolvidas pela apropriação do conhecimento científico. O desenvolvimento de das funções psicológicas superiores diferencia os homens dos animais e este desenvolvimento é decorrente das condições de educação e ensino da criança, do meio natural e cotidiano, das comunicações estabelecidas em nível social, das formas e modos de atividades desenvolvidas.”*

Muitas pesquisas apontam que os alunos considerados pela professora como sujeitos capazes de aprender, acreditam em si mesmos, avaliando-se de forma positiva. Aqueles que não recebem créditos, deixam de aprender e tendem a fazer uma avaliação negativa acerca de suas próprias características e possibilidades (OLIVEIRA, 1994; AMARAL, 2001; FRANCO, 2001; FRANCO 2006).

O que circula no discurso da escola e que é internalizado por milhares de alunos; e que sabemos ser socialmente construído, é a

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

atribuição a si de toda a responsabilidade por não obter progresso na escola. Esta é uma fala comum em nosso sistema educacional, que historicamente vem depositando no indivíduo, para mascarar as desigualdades próprias do sistema, todo o peso por seu sucesso ou fracasso na sociedade.

Sob a égide do individualismo, mais do que nunca se faz necessário criticar a visão descontextualizada e fragmentada do sujeito, produzidas em discursos pedagógicos e em práticas escolares que tomam como referência uma visão limitada do processo de apropriação do conhecimento. Reafirmamos que sua construção não se encontra em um sujeito isolado de seu mundo social. E, o professor, neste contexto, tem um papel fundamental no processo de humanização.

## **ABSTRACT**

The present article is structuralized from the analysis of the speech of a teacher concerning the construction of the process of appropriation of the reading and the writing of a pupil of the second series of Basic Education. The objective is to carry through a quarrel concerning the production of the failure pertaining to school. The adopted theoretical perspective in the work is social-historical, this conception establishes that the formation and development of the human mind if on the basis of give an increasing appropriation in the ways to think, to feel and to act culturally elaborated the construction of the text is divided in three great questionings: The production of the pertaining to school complaint and the process of evaluation that legitimizes the pedagogical speech, the constitution of the superior psychological functions and the process of learning of the reading and writing and finally the paper of the practical pertaining to school in the process of human constitution. It says of the express teacher the synthesis to it of the present liberal thought in the Education that understands the of course human man as. In this conception a normality axle exists and those that had not been in this plan inserted must be diagnose, classified to receive the due treatment. We have in this case the production of pathologies that serving of explanation for not the learning of thousands of children. We understand that the

*“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco*

superior psychological functions are constructed by intermediary of the mediations. In such a way, practical the educative one consists as basic tool in the human constitution process.

Key words: failure pertaining to school; social-historical; pertaining to school complaint.

## **RESUMEN**

El actual artículo es estructurado del análisis del discurso de un profesor alrededor de la construcción del proceso de la apropiación de la lectura y de la escritura de una pupila de la segunda serie de Encino básico. El objetivo es llevar con una pelea referente a la producción de la falta referente a escuela. La perspectiva teórica adoptada en el trabajo es Socio-histórica, este concepto establece que la formación y el desarrollo del psiquismo humano si en base de elasticidad una apropiación de aumento de las maneras de pensar, de sentirse cultural y de actuar elaboró. La construcción del texto se divide en tres grandes cuestiones: La producción del referente a queja de la escuela y el proceso de la evaluación que legitima el discurso pedagógico, la constitución de las funciones psicológicas superiores y el proceso de aprender de la lectura y la escritura y finalmente el papel del práctico referente a escuela en el humanización de proceso. Dice del profesor expreso la síntesis a él del actual pensamiento liberal en la educación que entiende por supuesto el hombre humano como. En este concepto un árbol de la normalidad existe y los que no habían estado en este plan insertado deben ser diagnosticar, clasificado para recibir el tratamiento debido. Tenemos en este caso la producción de las patologías que porción de la explicación para no aprender de mil de niños. Entendemos que las funciones psicológicas superiores son construidas por el intermediario de la mediación. De tal manera, práctica la educativa consiste como herramienta básica en el proceso de la humanización.

Llave de las palabras: falta referente a la escuela; socio-histórica; referente a queja de la escuela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, S. A. “A imagem de si em crianças com histórico de fracasso escolar”. A luz da teoria de Henri Wallon. Tese de doutorado, São Paulo: PUC, 2001.
- CAMPOS, L. M. L. A rotação de alunos como portadores de “distúrbios ou dificuldades de aprendizagem”. Uma questão a ser refletida, *Revista Idéias*, São Paulo: FDE, n.º 28, pp 125-140, 1997.
- DAVIS, C.; SILVA, M.A S.S. e; ESPÓSITO, Y. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.º. 71, p. 49 – 54, nov. 1989.
- FACCI, M. G. D., Professora é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil? – reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva vigotskiana. In:
- MEIRA, M. E. M E FACII, M. ( orgs.) *Psicologia histórico cultural: Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. São Paulo. Asa do Psicólogo, 2007, PP.135-156.
- FRANCO, A. F. *A construção social da auto-estima de alunos que viveram histórias de fracasso no processo de escolarização*. Tese de doutorado, São Paulo: PUC, 2006.
- FRANCO, A. F. *Auto-estima nas classes de aceleração: da concepção teórica à implementação*. Dissertação de mestrado, São Paulo: PUC, 2001.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad. Do francês Manuel Dias Duarte (orig. russ). Lisboa, livros Horizonte, 1978.
- MACHADO, A. M. Avaliação e fracasso: a produção coletiva do fracasso escolar” In: AQUINO, J.G. (Coord.) *Erro e fracasso na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo, Summus, 1997.
- MEIRA, M.E.M. & TANAMACHI, E.R. “A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação”. In: MEIRA, M.E.M. & ANTUNES, M. A. M.(org) *Psicologia escolar: Praticas críticas*, São Paulo: Casa do psicólogo. 2003.
- MOYSES, M. A. M. “A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola”. Campinas, SP: Mercado de Letras; SP: FAPESP, 2001.
- MOYSÉS, M. A. A. e COLLARES, C. A L.. Sobre alguns preconceitos no

**“Então podemos tentar a superação... - Adriana de Fátima Franco**

cotidiano escolar. *Revista Idéias*, São Paulo: FTD, n.19, 2. Ed., pp.9-25, 1994.

OLIVEIRA, I. M. de. *Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção magistério. Formação e trabalho pedagógico).

PATTO, M.H.S. *Exercícios de Indignação: escritos de Educação e Psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PATTO, M.H.S. “ *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.*” São Paulo: T.A. Queiros, 1996.

POLI, A. S. *Aceleração da aprendizagem: de quem?* Chapecó: Argos, 2003.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 1991.

SALAZAR, R. M. *O laudo psicológico e a classe especial: uma Análise de laudos psicológicos utilizados no encaminhamento de crianças às classes especiais*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 1996.

SMOLKA, A. L. B. Sentido e significação: sobre significações e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significação. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A. *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.

Recebido em 10 de março de 2009.

Aceito em 25 de abril de 2009.